

UM OLHAR OUTRO

Ainda sobre o tema das cruzadas e para terminar, lembro que ficamos diante dos reinos cruzados estabelecidos após a conquista de Jerusalém. Que sucedeu depois? Eis para onde nos dirigimos hoje.

Com o passar do tempo, diminuiu o «fervor» dos europeus em defender a Terra Santa, dando lugar a novas conquistas por parte dos muçulmanos em áreas controladas pelos cruzados. O caso da fortaleza de S. João de Acre, que caiu em 1291 às mãos dos mamelucos é significativo de um período histórico de certa convivência entre cristãos e muçulmanos. «Os cruzados não impuseram o cristianismo aos súbditos muçulmanos», que viviam nos seus territórios. Foi-lhes permitido conservar as propriedades e meios de vida e sempre a sua religião. «De facto, a Igreja opôs-se, de um modo geral, a qualquer vinculação entre a ideia de cruzada e a de conversão».

Como entender então os «crimes de guerra» dos cruzados, facilmente aceites e divulgados?

Explica o nosso autor que tal se deve a uma obra de Runcimen, em três volumes, seguida, depois, por muitos historiadores. A partir dela, foi adoptado o «ponto de vista tradicional de que as cruzadas tinham representado o choque de um ocidente bárbaro contra um oriente mais sofisticado e mais civilizado. Impôs-se assim a ideia de que os cruzados tinham sido pessoas brutais, sedentas de sangue e fanáticas do ponto de vista da religião». E olhando para os relatos sanguinários da tomada de Jerusalém, Stark situa-os no contexto da época e no contexto de uma tomada pela força: «Por muito que queiramos condenar tais práticas nos dias de hoje, elas não foram exclusivas dos cruzados, foram consideradas apropriadas e utilizadas por ambos os exércitos. A melhor prova da extraordinária parcialidade de tantas histórias das cruzadas escritas por autores ocidentais é a tão escassa atenção aos massacres realizados por muçulmanos».

O nosso autor termina o capítulo 5 dedicado às cruzadas, com uma espécie de convite a «redescobrir» as cruzadas, para ele já esquecidas pelos muçulmanos. E afirma: «O interesse dos muçulmanos pelas cruzadas parece ter começado no século XIX, quando o próprio termo foi introduzido por autores cristãos de cultura árabe, que traduziram histórias francesas para o árabe, pois foi no Ocidente que as cruzadas se puseram de moda durante o século XIX. Na Europa e nos Estados Unidos 'o romance das cruzadas e da vida do cruzado' converteu-se em tema literário muito popular».

Claro que com o tema das cruzadas vieram muitos outros temas de êxito comercial assegurado, com o sacrifício do rigor histórico. Citando, o nosso autor afirma que «tanto as lembranças como a ira que as cruzadas despertam actualmente entre os muçulmanos são uma criação do século XX, provocada em parte pelo 'imperialismo britânico e francês posterior à primeira guerra mundial e pela criação do estado de Israel depois da segunda guerra mundial'» E lembra que foi o último sultão do império otomano Abdulhamid II (reinou entre 1876 e 1909) que começou a referir-se às cruzadas europeias e deu, assim, origem à primeira história muçulmana das cruzadas em 1899.

Os nacionalistas muçulmanos começaram então a olhar as tensões europeias sobre o império otomano como semelhantes ao tempo das cruzadas e apelar à união dos muçulmanos: «Até dentro do contexto da debilidade muçulmana frente ao Ocidente moderno, impôs-se o triunfalismo muçulmano; muitos propuseram que graças às cruzadas o 'selvagem ocidente (...) era beneficiado ao absorver os valores civilizados (do islão)».

A conclusão deste capítulo sobre as cruzadas merece ser destacado. Em poucas linhas de síntese diz Rodney Stark: «As cruzadas foram provocadas. Não representaram o primeiro assalto do colonialismo europeu. Não foram organizadas para conseguir terras, saques ou convertidos. Os cruzados não foram bárbaros assanhados contra os cultos muçulmanos. As cruzadas não são uma mancha na história da Igreja católica. Não são algo de que o Ocidente tenha de desculpar-se».

O Prior - P. Abílio Cardoso

IGREJA DO TERÇO ENCERRADA

Como previsto e tem acontecido nos anos anteriores, a Igreja do Terço fica encerrada na segunda quinzena de Agosto.

Deste modo, a partir de amanhã, 17 e até ao dia 2 de Setembro, as missas na cidade serão apenas duas à semana: 9.00 no Senhor da Cruz e 19.00 na Igreja Matriz. Ao domingo continuam as três: 9.00 no Senhor da Cruz, 11.00 e 19.00 na Igreja Matriz.

A «PANDEMIA DA SONOLÊNCIA»

1. De repente, começamos a descobrir que os nossos são tempos marcados por epidemias mil. São, com efeito, muitos os focos de contágio que perturbam a nossa saúde física e afectam toda a nossa sanidade pessoal.

2. É possível que esta palavra tenha sido usada pela primeira vez pelo famoso médico grego Hipócrates. Entre outros feitos, houve um episódio que contribuiu sobremaneira para a sua celebridade.

3. Durante uma peste que devastou Atenas, a epidemia extinguiu-se depois de Hipócrates ter ateado fogueiras por toda a cidade. Ele terá partido da observação de que as pessoas, perto do fogo, pareciam imunes ao contágio da doença. Foi, portanto, uma forma de ampliar a imunidade a toda a população.

4. Etimologicamente, «epidemia» é o que está «sobre» («epi») o «povo» («dêmos»). Refere-se à difusão de uma doença num determinado território. Quando, entretanto, essa doença se estende a vários países e continentes, costuma usar-se o vocábulo «pandemia», «pan» (todo)+«dêmos» (povo).

5. É o que estamos a viver, nesta hora. Sobre «todo o povo» paira a ameaça do novo coronavírus, que aliás já muitas vidas devorou. Mas esta pandemia não é a única. Ela emparceira com outras «pandemias» que contaminam pessoas e instituições.

6. Os «focos de contágio» são infindáveis, disseminados a uma velocidade atordoante. Deste modo, somos permanentemente confrontados com a «pandemia do egocentrismo», com a «pandemia da agitação», com a «pandemia da sonolência».

7. Esta última é particularmente danosa, porque armada de subtilidades e ardis. Ela leva-nos a presumir que vemos tudo quando, na verdade, não estamos a ver o essencial. Com a parafernália de imagens e ocorrências que desfilam à nossa frente, habituamo-nos a «passar os olhos». Será isso o mesmo que ver? Não era por acaso que Antoine de Saint-Exupéry garantia que «o essencial é invisível aos olhos» e que «só se vê bem com o coração».

8. No mesmo registo, o Papa Bento XVI defendia que o programa do cristão «é o coração que vê». É por dentro que temos de começar a ver, a despertar. Pois é por dentro que costumamos andar muito sonolentos. Foi o que aconteceu, de resto, aos homens do dono do campo onde o proprietário colocou a «boa semente» (Mt 13, 24). Alguém introduziu a má semente no meio da boa semente enquanto aqueles «homens dormiam» (Mt 13, 25).

9. Esta alusão é um significativo com um poderoso significado. Não está aqui em causa a fadiga ou o repouso, mas a insensibilidade, o desleixo e o excesso de auto-confiança.

10. Também por nós pode passar a presunção de que temos as soluções, as vias de resolução e o conhecimento de tudo. É a sonolência feita arrogância. Há que acordar e escutar a voz do Espírito. É Ele que conduz a Igreja para a salvação da humanidade!

João António Pinheiro Teixeira, In DM 28.07.2020



Construir

Boletim Paroquial de Santa Maria Maior - Barcelos

Ano XVI - Nº 33/34 - 16/23 de Agosto de 2020

Rua D. António Barroso, 116, 4750-258 Barcelos. Tel. 253 811 451, Telm. 966 201 411, email: paroquiadebarcelos@sapo.pt

Web: paroquiadebarcelos.org - Facebook: www.facebook.com/paroquiadebarcelos/

Cristo convertido a uma mulher?

Em Semana das Migrações, a atenção da Igreja torna-se clamor repetido em defesa daqueles que, longe da pátria própria, apenas querem ganhar o pão de cada dia.

Numa sociedade aberta e plural, felizmente cresceu a consciência de que, antes de todas e quaisquer diferenças, fazemos todos parte da mesma Humanidade, logo, os bens da terra pertencem a todos. O grito dos profetas aparece hoje repetido de diversas maneiras, a começar pela denúncia insistente do Papa Francisco de uma hospitalidade apenas no papel, contradição por tantas mortes de irmãos nossos rejeitados.

É que perduram ainda os discursos do «nós e os outros» ou «primeiro nós e depois vós». Perdoem-me ao dizer que o próprio S. Paulo usou tal discurso, referindo os irmãos de raça, os judeus como primeiros destinatários da promessa de Deus, mas que eles rejeitaram. Magoado e triste ao ver a atitude dos judeus, o apóstolo regozija-se, no entanto, ao ver a adesão dos gentios à fé: a desobediência de uns tornou-se ocasião da obediência de outros. Mas, bom judeu que era, nunca o apóstolo desistiu da conversão dos judeus a Jesus. Também para eles Deus é misericordioso.

É neste quadro de «nós, os judeus e vós, os outros» que me curvo respeitosamente diante daquela mulher cananea, a tal «outra» que não judia que não desiste de uma «migalha» da mesa de Jesus. Na sua humildade de «gentia», ela consegue «converter» Jesus ao seu pedido. Um pedido simples de uma mãe aflita cuja filha está atormentada.

O modo insistente e gritando para Jesus é incomodativo para os discípulos que, para se verem livres daquele «espectáculo» até intervêm em seu favor: «atende-a».

A atitude de Jesus parece fria, dura, incompreensível. Começa por ignorá-la, não lhe respondendo ao pedido: «tem compaixão de mim». Depois, perante a insistência dos discípulos, parece que se «aprisona» numa missão com sentido único: os judeus, o seu próprio povo, crente em Deus, excluindo os cananeus, pagãos. Pior ainda, quando fala do pão dos filhos e não dos cachorrinhos. O diálogo foi até este ponto, diríamos longe demais. Parece que Jesus não quer mesmo atendê-la.

SETE PALAVRAS PARA UMA SEMANA

DORMIR

Ontem, à tarde, um médico veio à paróquia para orar diante do Santíssimo.

A certo ponto, no silêncio da igreja vazia, ouço a respiração lenta e pesada de uma pessoa que dorme.

Era ele.

Exausto, e ousou esperar, um pouco consolado.

A vida espiritual é exatamente isto: vida normal que se conduz pelo bem comum até ao esgotamento, mas, um instante antes de se adormecer, entrega tudo nas mãos do Todo.

Como se conclui o teu dia?

P. Luca Peyron, In Facebook, Trad. / edição: Rui Jorge Martins
Publicado em 20.07.2020 (SNPC)

demais. Parece que Jesus não quer mesmo atendê-la.

É aquela mulher que faz?

Firme no seu desejo e na sua necessidade, não larga Jesus.

E assumindo-se «cachorrinha» joga a cartada final que demove o Mestre: «basta-me uma migalha da Tua mesa».

E Jesus não resistiu: «grande é a tua fé... E a filha ficou curada».

Diante de Jesus, nunca se desiste. Enquanto Ele demora a atender, o nosso coração vai aumentando o desejo e convertendo-se cada vez mais a Ele.

Felizes aqueles que nunca desistem de bater à porta de Deus.

Estes quase 100 anos em Barcelos registam acolhimento recíproco entre população e Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria, num percurso de progressiva interacção.

Estes quase 100 anos em Barcelos registam acolhimento recíproco entre população e Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria, num percurso de progressiva interacção.

Estes quase 100 anos em Barcelos registam acolhimento recíproco entre população e Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria, num percurso de progressiva interacção.

Estes quase 100 anos em Barcelos registam acolhimento recíproco entre população e Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria, num percurso de progressiva interacção.



125 Anos (1895-2020) das FMM em Missão em Portugal

As Franciscanas Missionárias de Maria vindas para Portugal, em tempos da monarquia, dedicaram-se, nesse tempo de implantação, a obras sociais em Lisboa, Braga, Funchal e Lagos.

Tendo saído na Implantação da República, Outubro 1910, regressaram em três tempos: 1917 (Braga), 1924 (Porto) e 1926 (Barcelos).

Em Barcelos, a Casa do Menino Deus, com as FMM (1929-2012), tornou-se um feixe de obras sociais dentro e fora dos seus muros.

Estabelecido o Noviciado, no BENFEITO e depois (em Arcozelo, 1932, foi a partir de Barcelos, que se realizou todo o desenvolvimento de missão das FMM em Portugal e Ultramar (1926-2020).

No Noviciado de Arcozelo formaram-se 706 Noviças. De 1940-1960 partiram para as Missões 162 Irmãs portuguesas. Simultaneamente, a partir da Casa do Menino Deus, a Edição dos ANAIS e publicações várias faziam a divulgação do Instituto.

Com a independência das províncias ultramarinas (1975) as Irmãs FMM alargaram o horizonte missionário, começando a partir para várias partes do mundo: Rússia, Ilhas Naurícias, Burkina-Faso, Congo, Bolívia, Argentina, Madagascar.

Estes quase 100 anos em Barcelos registam acolhimento recíproco entre população e Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria, num percurso de progressiva interacção.

Notas enviadas por M.Celeste Lúcio, fmm

O Prior - P. Abílio Cardoso

**A VIDA DO POVO DE DEUS TORNADA ORAÇÃO
XX E XXI DOMINGOS DO TEMPO COMUM**

Louvado sejais, Senhor, pelos povos de toda a terra
Pela vossa misericórdia, não nos abandoneis, Senhor

SEGUNDA, 17 – S. Beatriz da Silva

Leituras: Ez 24, 15-24
Mt 19, 16-22

09.00 (Senhor da Cruz): Acção de Graças ao Senhor da Cruz
19.00 (Matriz): Maria Emília Fernandes da Cunha Arantes e Vicente Ferreira da Silva

TERÇA, 18 – Leituras: Ez 28, 1-10
Mt 19, 23-30

09.00 (Senhor da Cruz): José Gonçalves Duarte e familiares
19.00 (Matriz): António Rodrigues dos Santos (2º aniv.)

QUARTA, 19 – S. João Eudes

Leituras: Ez 34, 1-11
Mt 20, 1-16a

09.00 (Senhor da Cruz): Joaquim Pinto de Azevedo, pais e sogros
19.00 (Matriz): M.ª Arminda Pereira Pinto de Azevedo Vieira

QUINTA, 20 – S. Bernardo

Leituras: Ez 36, 23-28
Mt 22, 1-14

08.00 (São José): Familiares de Teresa Simões
09.00 (Senhor da Cruz): José Narciso Costa Alves (6º aniv.)
19.00 (Matriz – Intenções colectivas):
- Constantino Ferreira do Souto Cardoso (7º dia)
- Jorge Martins da Silva Correia
- Manuel Rosa Batista da Costa, esposa e filho
- Avós paternos e maternos de Ana Maria Capela

SEXTA, 21 – S. Pio X

Leituras: Ez 37, 1-14
Mt 22, 34-40

09.00 (Senhor da Cruz – Intenções colectivas):
- José Maria Magalhães Pinto
19.00 (Matriz): M.ª Lurdes Antunes da Silva (aniv.) e marido

SÁBADO, 22 – Virgem Santa Maria, Rainha

Leituras: Ez 43, 1-7a
Mt 23, 1-12

09.00 (Senhor da Cruz): Dulcínio Linhares de Sousa e esposa Maria do Céu Fernandes
17.30 (São José): Maria da Conceição Monteiro Soares, marido e filhos

19.00 (Matriz – Intenções colectivas):

- Maria Cândida Barbosa da Costa
- Eulália Velez Tabarra (25º aniv.)
- Carlos Quinta e Costa
- Manuel Pereira de Sousa Monteiro, esposa M.ª Amélia e família
- Maria Rosalina Lopes Coelho e filhos João e Domingos
- Maria Fernanda Lopes Martins
- Maria do Carmo Sousa Faria
- Alice de Jesus, marido Alberto Pereira e pais
- Maria Laura Matos Viana Lopes
- Maria Carminda Ferreira Gomes Costa (30º dia)
- Fernando Pereira da Silva (6º aniv.)

DOMINGO, 23 – XXI DO TEMPO COMUM

Leituras: Is 22, 19-23
Rom 11, 33-36
Mt 16, 13-20

09.00 (Senhor da Cruz): Inês Torres Santos Ferreira
11.00 (Matriz): Pelo povo
19.00 (Matriz): Pelos Benfeitores da Paróquia

SEGUNDA, 24 – S. BARTOLOMEU

Leituras: Ap 21, 9b-14
Jo 1, 45-51

09.00 (Senhor da Cruz): Manuel Gonçalves Coutinho
19.00 (Matriz): Francisco Duarte Carvalho

TERÇA, 25 – S. Luís de França e S. José de Calasanz

Leituras: 2 Tes 2, 1-3a. 14-17
Mt 23, 23-26

09.00 (Senhor da Cruz): António Azevedo e esposa
19.00 (Matriz): Manuel João Jesus Amaral

QUARTA, 26 – Leituras: 2 Tes 3, 6-10. 16-18
Mt 23, 27-32

09.00 (Senhor da Cruz): Acção de Graças ao Senhor da Cruz
19.00 (Matriz): José Rego de Sousa Graça

QUINTA, 27 – S. Mónica

Leituras: 1 Cor 1, 1-9
Mt 24, 42-51

08.00 (São José): Familiares de Maria Emilia Marques Durães
09.00 (Senhor da Cruz): Pais de Laurentina Braga
19.00 (Matriz – Intenções colectivas):
- Luís Soares, Alzira da Silva Carvalho e filho Manuel

SEXTA, 28 – S. Agostinho

Leituras: 1 Cor 1, 17-25
Mt 25, 1-13

09.00 (Senhor da Cruz – Intenções colectivas):
- Maria do Rosário Pereira
19.00 (Matriz): Gracinda dos Prazeres da Silva Rego

SÁBADO, 29 – Martírio de S. João Baptista

Leituras: 1 Cor 1,26-31
Mc 6, 17-29

09.00 (Senhor da Cruz): Eduardo Manuel Gonçalves Cardoso (aniv.) e esposa

17.30 (São José): Rui Nuno Silva Loureiro
19.00 (Matriz – Intenções colectivas):

- Leonel da Quinta Fernandes (aniv.)
- Paula Maria Lopes Lourenço
- Silvestre Martins Coutada, esposa Adelaide e filho Custódio
- Henrique Silva Mota Faria

DOMINGO, 30 – XXII DO TEMPO COMUM

Leituras: Jer 20, 7-9
Rom 12, 1-2
Mt 16, 21-27

09.00 (Senhor da Cruz): Carmo da Glória Martins e Fernando Agra

11.00 (Matriz): Pelo povo
19.00 (Matriz): Isaurinha Peres Filipe e marido


Prefiro Nossa Senhora Mãe, Nossa Mãe, e não Nossa Senhora chefe de uma repartição, que todos os dias manda uma mensagem a determinada hora. Esta não é a Mãe de Jesus.

**Projecto
Por Deus mudei uma vida**

Está em curso este projecto que envolve os adolescentes da catequese, visando «criar neles valores, nomeadamente, solidariedade, entreadajuda, respeito e preocupação pelos outros». Centra-se, por agora, na recuperação de uma «Casa dos Pobres», que já está a ser reconstruída com o apoio da União de Freguesias de Barcelos.

**E QUANTOS
ABORTOS POR DIA?**

Recentemente, circulou nos meios de comunicação social, sobretudo nas redes sociais, os números das causas de mortes no mundo entre 1 de janeiro e 1 de maio de 2020, segundo dados da Organização Mundial de Saúde. Os números dão que pensar e que falar, são surpreendentes e inimagináveis. Entre outras causas, foram mencionadas as seguintes: vítimas do novo coronavírus (Covid-19) 237 469 indivíduos; malária 327 267; suicídio 357 785; acidentes rodoviários 450 388; cancro 2 740 193; vítimas da fome 3 731 427; doenças infecciosas 4 331 251 e de aborto 14 184 388. Com estes números não podemos desvalorizar a pandemia do novo coronavírus, que pode ser mortal para qualquer um de nós. Devemos é valorizar a vida – não ao aborto, não à eutanásia –, cuidar dos idosos, das pessoas vulneráveis e em situações de risco, das crianças e recém-nascidos que morrem à fome, educar comportamentos, apoiar e investir em métodos pró-vida e paliativos. Os números do aborto são assustadores. Chegamos mesmo a pensar se estes números são verídicos, se não houve engano na contagem. Pois, parecem que são reais e, ainda, não constam os milhares de abortos clandestinos que causam a morte do feto e da própria mulher.

H. José Esteves, In DM 26.07.2020

OFERTAS PARA BOLETIM

Pedimos a colaboração generosa para com o Boletim, que é distribuído gratuitamente.

- Família n.º 140 – 5,00
- Família n.º 236 – 40,00

TOTAL DA SEMANA – 45,00 euros

A transportar: 22.758,95 euros
Despesas até agora: 31.848,45 euros

UMA FAMÍLIA CATÓLICA

Quando nos casámos, o Niall e eu tínhamos um grande sonho: pôr em prática as palavras de Jesus "Procurai primeiro o Reino de Deus, e tudo o mais vos será acrescentado." (Mt 6, 30) Empenhados em viver este sonho, consagramo-nos a Nossa Senhora, Aquela que se pôs à escuta da Palavra e a praticou na perfeição. E com Ela como Mãe e Rainha, iniciámos a nossa aventura. Hoje, dezassete anos e sete filhos mais tarde, verificamos com emoção e gratidão que Jesus não nos mentiu. Enfrentámos muitas tempestades na nossa barca, testemunhámos a doença e a morte de um filho.

Mas dando a Deus o primeiro lugar na nossa vida, tudo nos foi acrescentado, e vivemos hoje uma felicidade que nunca julgáramos possível experimentar. Quando começámos a namorar, começámos também a ir juntos à missa. Casámos, os filhos foram nascendo, e nós apressávamo-nos a baptizá-los e a levá-los à missa todos os domingos, segundo a palavra de Jesus: "Deixai vir a Mim as criancinhas, não as impeçais" (Lc 18, 16). Às vezes, os mais novos estão tão inquietos, que quase não conseguimos prestar atenção a Jesus. Mas não desistimos, pois Deus também não desiste de nós! E se estamos distraídos, Ele não está, derramando sobre a nossa família o seu amor. A missa é o centro da semana, onde tudo culmina e onde tudo começa.

Na nossa casa, temos um Canto de Oração, simples e belo, preparado com carinho e criatividade, onde todos os dias nos reunimos em família para rezar. De joelhos ou ao colo, grandes e pequenos, naquele momento todos nos sentimos irmãos em Jesus. Quando o António, de dois anos e meio, foi visitar a Sara recém-nascida, a nossa filha mais nova, olhou para ela muito aflito e perguntou-me: "Quando a Sara for para casa, como é que ela vai rezar? Ainda não sabe falar!" Demos uma gargalhada, e depois descansámos o António: a oração, tal como a língua materna, aprende-se ao colo!

A nossa oração familiar cresceu com a família e está longe de ser perfeita, mas não passamos dia algum sem a fazer. É esta oração – e não o telejornal – que ocupa o "horário nobre" da nossa vida familiar, depois de jantar. Temos assim a certeza de dar a Deus o primeiro lugar, mesmo que por vezes, a agitação das crianças, as birras e o sono façam com que este momento pareça tudo menos oração! Rezamos o terço, louvamos, intercedemos pelo mundo inteiro, pedimos perdão. E também rimos, cantamos, dançamos e tocamos guitarra, pois junto de Deus é fácil estar alegre!

Um dia, abrindo a Bíblia no Livro do Deuterónimo, encontramos este mandamento de Deus a Israel: "Trarás no teu coração todas estas palavras que hoje te ordeno. Tu as repetirás muitas vezes a teus filhos e delas falarás quando estiveres sentado em casa ou andando pelos caminhos, quando te deitares ou te levatares." (Deut 6, 5-8) A Bíblia é uma longa história das maravilhas do Senhor, contada ao redor da mesa familiar, de pais para filhos, geração em geração, até hoje. Decidimos então participar nesta grande aventura bíblica com a nossa família. Como? Meditando nas leituras da missa de cada dia; e contando as histórias da Bíblia, da Arca de Noé ao chamamento de Abraão, de Moisés a Elias, de Sara a Ester e, claro, todas as histórias de Jesus. É um momento central da nossa oração! Os três volumes do meu livro Os Mistérios da Fé (o terceiro ainda não está publicado) são o registo escrito da forma como meditamos e trabalhamos a Bíblia em família.

Depois, naturalmente, é preciso viver estas histórias. Confrontando a vida com a Palavra, procuramos testemunhar o amor de Jesus na escola, na paróquia, no trabalho, junto dos amigos e dos vizinhos. Os nossos filhos mais velhos, de quinze e treze anos, mostram-nos como podemos seguir Jesus enquanto dançamos, ou andamos de bicicleta, ou estudamos, ou estamos com os amigos. As dificuldades próprias da adolescência transformam-se em desafios de santidade quando Jesus é o nosso ideal! Seguindo assim o Caminho que Jesus abriu com o seu Sangue, vamos caminhando, em família, rumo a casa.

A Lúcia tinha quatro anos, o António três. Foi no verão passado. Brincavam os dois no jardim e eu estendia roupa. De repente, a Lúcia foi ter com o António e disse-lhe: "Sabes, António, um dia vamos brincar no céu com o Tomás e a Kitty, como brincamos agora aqui!" A Kitty era uma linda gatinha preta, que morreu atropelada. O Tomás era o nosso terceiro filho, irmão mais velho da Lúcia, e morreu de cancro com um ano e meio. Ela ainda não o conhece, mas está ansiosa pelo dia em que irá finalmente brincar com ele. Pois a Lúcia sabe que a nossa verdadeira Casa familiar não é em Mogofores, mas no céu. Há cerca de um ano, com a orientação do nosso pároco, salesiano, decidimos responder ao apelo do Senhor e propor a nossa espiritualidade familiar a outras famílias, com muita humildade e verdade. Nasceram assim as Famílias de Caná, que já começam a dar frutos de oração e de testemunho de vida um pouco por todo o país. Em Novembro passado, criámos um blogue para partilhar com outras famílias a alegria de sermos Igreja Doméstica e a imensa felicidade que descobrimos em Deus. Ai divulgamos também os retiros para Famílias de Caná. Visitem-nos em <http://umafamiliacatolica.blogspot.pt/>!

Departamento Arquidiocesano da Pastoral Familiar, Newsletter Agosto 2014